

**CONTRIBUIÇÕES PENTECOSTAIS PARA A ORAÇÃO: UM ESTUDO DE
CASO DA ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO BELO HORIZONTE – MG
PENTECOSTAL CONTRIBUTIONS TO PRAYER: A CASE STUDY OF THE
ASSEMBLY OF GOD MINISTRY BELO HORIZONTE - MG**

Clélia Bertoni da Silva Damasceno¹
Claiton Ivan Pommerening²

RESUMO

A oração é uma das principais disciplinas da tradição cristã e especialmente consagrada dentro do contexto pentecostal. Embora haja uma vasta produção sobre o tema, se faz necessária uma análise dos aportes pentecostais para a prática, em especial junto ao contexto do Círculo de Oração. Assim, propõe-se um exame a respeito das contribuições que o pentecostalismo oferece para esse importante pilar da vida religiosa, por meio de análise bibliográfica e de relatos colhidos no Círculo de Oração do Templo Central da Assembleia de Deus Ministério Belo Horizonte - MG. A temática em questão se vincula à Teologia, devido ao seu forte apelo à experiência pentecostal, amplamente respaldada pelas produções da tradição teológica. Os resultados alcançados revelam a razão pela qual o pentecostalismo tem na oração um de seus pilares e, por meio da presença atuante do Espírito Santo, um poderoso instrumento relacional, experiencial, de encontro com Deus.

Palavras-chave: Oração, Círculo De Oração, Pentecostalismo.

ABSTRACT

Prayer is one of the main disciplines of the Christian tradition and is especially consecrated within the Pentecostal context. Although there is a vast body of work on the subject, an analysis of Pentecostal contributions to its practice is necessary, especially within the context of the Prayer Circle. Thus, this paper proposes an examination of the contributions that Pentecostalism offers to this important pillar of religious life, through bibliographic analysis and accounts collected in the Prayer Circle of the Central Temple of the Assembly of God Ministry Belo Horizonte - MG. The theme in question is linked to Theology, due to its strong appeal to the Pentecostal experience, widely supported by the productions of the theological tradition. The results obtained reveal the reason why Pentecostalism has prayer as one of its pillars and, through the active presence of the Holy Spirit, a powerful relational, experiential instrument for encountering God.

¹ Artigo Científico submetido ao Bacharel em Teologia da Faculdade Refidim, como requisito do Trabalho de Conclusão de Curso. Linha de Pesquisa: Teologia Prática. Ano: 2025. Cidade: Joinville – SC.

² Doutor e Mestre em Teologia, Diretor e Professor de Teologia da Faculdade Refidim.

Keywords: Prayer, Prayer Circle, Pentecostalism.

INTRODUÇÃO

A oração se apresenta como um dos costumes mais recorrentes e essenciais na *práxis* cristã, sendo amplamente respaldada ao longo das Escrituras Sagradas. Trata-se de uma prática espiritual associada à busca por comunhão com Deus, cuja relevância se destaca de maneira particular no contexto pentecostal. Em virtude dessa importância, as Assembleias de Deus mantêm, tradicionalmente, um ministério formado majoritariamente por mulheres, voltado à prática da oração: o Círculo de Oração.

Esse espaço tem se revelado enquanto ambiente propício ao desenvolvimento da espiritualidade pentecostal e às diversas expressões religiosas associadas à prática da oração. A literatura disponível em língua vernacular sobre a temática evidencia o quanto o assunto foi e vem sendo tratado pela tradição cristã e a comunidade de fé, por meio de expressiva produção bibliográfica, documental e experiências de fé.

Os pentecostais, a partir da presença viva e operante do Espírito de Cristo, deram um novo significado para a oração segundo a tradição da espiritualidade. “Não se trata apenas de orar, mas “de orar com o Espírito e de, por meio do Espírito, falar mistérios com Deus” (MELLO, 2024, p. 229), o que torna necessária uma compreensão mais aprofundada do assunto, incluindo os aspectos da prática na formação e desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil.

Tendo em vista a escassez documental para o histórico do Círculo de Oração do presente estudo, colhemos informações junto à Elizabeth Estanislau Silvestre, membro de uma das famílias mais antigas da igreja e nora de Bernarda Silvestre, fundadora do trabalho na ADBH³. Para a elucidação do impacto desta obra na vida das mulheres que o compõem, colhemos testemunhos de irmãs antigas, destacadas, assíduas e com larga experiência no Círculo de Oração. Os relatos foram colhidos no horário do culto, com liberdade para que dispusessem as narrativas de acordo com aquilo que mais lhes tocou ao longo de suas trajetórias e que acreditavam ser importantes para a compreensão da relação que as mesmas têm com o Círculo de Oração.

³ ADBH sigla comumente usada para se referir à Assembleia de Deus Ministério Belo Horizonte – MG.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a prática da oração no contexto pentecostal, com ênfase nas vivências do Círculo de Oração do Templo Central da Assembleia de Deus, localizado em Belo Horizonte – MG.

1 A ESPIRITUALIDADE PENTECOSTAL E A CENTRALIDADE DA ORAÇÃO:

1.1 A oração em Atos dos Apóstolos:

O tema da oração indica, dentro do contexto pentecostal, uma estreita ligação entre o fervor espiritual e a prática devocional como meio para alcançá-lo. Isso se deve, em parte, ao fato de que a fé pentecostal se apropria das narrativas do livro de Atos dos Apóstolos como padrões e modelos a serem seguidos pela igreja na atualidade, unindo as práticas à abertura ao sobrenatural (MENZIES, 2022, p. 247).

Craig S. Keener, em seu *Comentário Exegético Atos*, afirma que a oração era tida como o instrumento utilizado por Deus para conduzir a história e realizar Seus propósitos (2022, p. 899). Durante a espera pela promessa do Batismo no Espírito Santo (At 1.4-5), a narrativa bíblica destaca que “... todos estes perseveravam unânimes em oração ...” (At 1.14), frisando a prática como uma atitude central nesse momento de expectativa. Este profundo desejo e busca se manifestou “... de forma que experimentaram o coração deles aquecidos pela oração” (POMMERENING, 2024, p. 50). Ao orar pelo recebimento do Espírito Santo, os crentes estavam, na verdade, orando para receber o próprio Deus (KEENER, 2022, p. 900).

A partir de uma leitura paradigmática da descida do Espírito em Atos 2, os pentecostais adotaram um forte apreço pela oração, não apenas como ação preparatória, mas como ato próprio da vida cristã. A Bíblia Sagrada destaca a prática mesmo após o evento do Pentecostes: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitos prodígios e sinais eram feitos por meio dos apóstolos” (At 2.42-43). Neste sentido Keener explica:

A oração provou ser não apenas um prelúdio para o Pentecostes (At 1.14), como também parte contínua da vida da comunidade. A oração é uma das principais ênfases de Lucas, mas a ênfase também apresenta um reflexo preciso da vida cristã primitiva (KEENER, 2022, p. 1175).

A oração, para essa tradição, possui ampla fundamentação bíblica e está diretamente relacionada à preservação das práticas apostólicas e da vivência da Igreja Primitiva. Essa ênfase expressa o caráter continuísta do movimento, que busca manter viva a experiência dos “sinais operados pelo Espírito, intensa devoção, fervor espiritual e a experiência do batismo no Espírito Santo” (NASCIMENTO, 2025, p. 7).

Assim, rejeita-se a ideia equivocada de que os pentecostais utilizam a oração ou outras disciplinas espirituais como formas de manipular a divindade em troca de benefícios. Pelo contrário, a oração está intrinsecamente ligada à prática pentecostal, à busca da presença de Deus que se manifesta pelo Espírito. Como afirma Campos, “como no dia de Pentecostes, os que participaram dele foram envoltos nessa presença e introduziam uma prática de vida espiritual na sociedade” (2018, p. 96).

1.2 O Princípio da Pentecostalidade e a Oração:

A efusão do Espírito, evento fundante da Igreja narrado por Lucas em Atos, não ficou circunscrito apenas àquele tempo. O mesmo pode ser comprovado ao longo da história do cristianismo, sempre presente, mesmo em momentos de descrédito, fruto da racionalização da fé cristã ou intensa institucionalização.

Pelo princípio da pentecostalidade, entendemos que o Espírito é o responsável por fundamentar a existência e missão da igreja, concedendo poder ao ser humano, de modo que ele consiga romper com tudo aquilo que o reduz à condição sub-humana, produzindo vida (CAMPOS, 2018, p. 104).

Segundo Oliveira, é por meio deste Espírito, operante no seio da Igreja desde sua fundação em Pentecostes, que há a unidade do corpo de Cristo (2020, p.313). O autor peruano Bernardo Campos, estudioso do pentecostalismo latino-americano, cunhou o termo *princípio da pentecostalidade*, cujo objetivo é tratar da presença do Espírito e da experiência pentecostal como elemento intrínseco à Igreja. Assim, “onde exista uma comunidade religiosa informada pela ‘catolicidade’, ali também haverá uma pentecostalidade latente ou manifesta” (2018, p. 76).

Segundo o mesmo autor, “a pentecostalidade é a universalidade do Espírito de Cristo que faz possível a Igreja como uma Comunidade Pentecostal” (2018, p. 77), ou seja, o mesmo Espírito que esteve sobre os cristãos primitivos, que os levava à oração e

à busca de uma vida profunda e intensa, repleta de manifestações espirituais, é característico da igreja e pode ser experienciado também nos dias hodiernos.

O Pentecostes produziu uma “atualização do feito de Cristo”, de modo que as igrejas são uma “expressão histórica da pentecostalidade e como determinada por ela” (2018, p. 77). Dessa forma, cada igreja é um desdobramento do Pentecostes, que se apresenta como “modelo normativo para a igreja”, e o Espírito Santo, fonte originária das igrejas ao longo da história (OLIVEIRA, 2023, p. 180). Pelo desejo de viver a fé apostólica e as manifestações do Espírito, os crentes acreditam que essa presença é o que constitui a igreja (LAND, 2024, p. 25).

Desse fundamento integrador, aprendemos com o próprio autor a respeito do princípio da pentecostalidade:

A pentecostalidade seria assim o princípio e a prática do tipo religioso, informada pelo acontecimento de Pentecostes; uma experiência universal que eleva à categoria de “princípio” (arque ordenador) às práticas pentecostais e pós-pentecostais que buscam ser concretizações históricas dessa experiência primordial (CAMPOS, 2018, p. 105).

Há que se distinguir entre princípio da pentecostalidade e pentecostalismos, uma vez que não fazem referência ao mesmo sentido. Embora sejam complementares, os pentecostalismos se revelam enquanto manifestações históricas do princípio da pentecostalidade, configurando uma das manifestações do Espírito. O primeiro é o prolongamento deste último, que, em contrapartida, constitui fundamento para aquele (CAMPOS, 2018, p. 106).

Atos 2 é válido para os nossos dias, pois o Espírito é o mesmo e Sua presença constitui um princípio universal que produz novas experiências na história. A manifestação de Deus na atualidade, assim como no Pentecostes, se dá pelo Espírito que envolve seus componentes, produzindo “uma prática de vida espiritual na sociedade” (2018, p. 96). O pentecostalismo moderno tem por fundamento a pentecostalidade, que é anterior a ele e o constitui (2018, p. 106). É por meio dessa “experiência universal com o Jesus ressuscitado” que somos recriados e unidos (2018, p. 107). Se a oração foi de suma importância para os primórdios do cristianismo, para as manifestações do Espírito e para a comunhão com Deus, assim também o é ainda hoje. Carecemos do Espírito para orar. Logo, para esclarecermos as contribuições pentecostais para a oração, precisamos compreender a espiritualidade pentecostal.

1.3 A Espiritualidade Pentecostal e o Batismo no Espírito Santo:

Para Land, a singularidade e o ponto de partida da espiritualidade pentecostal é a presença do Espírito Santo, que é “Deus conosco”, ou seja, “O Espírito Santo traz o Pai e o Filho, que, juntamente com o Espírito, habitam com e no crente (Jo 14.16)” (2024, p. 23). Segundo Oliveira, a espiritualidade pentecostal se manifesta de maneira que “retoma o mais básico da experiência religiosa cristã, o encontro com Deus, para interpenetrar físico e espiritual, pessoal e social.” (2018, p. 175). Enquanto movimento, apresenta traços contraculturais, restauracionistas, em contraposição ao cristianismo histórico de ortodoxia rígida. Pela presença de Deus de maneira espiritual, somos envolvidos numa fé vivida pela força do Espírito com dinamicidade e criatividade (2018, p. 175).

No contexto dessa busca pela Presença, os pentecostais lançam mão da oração enquanto modo para se alcançar essa intensidade de relacionamento com Deus, além de utilizá-la enquanto “estado de espírito, uma vida ressignificada a partir da presença do Espírito” (2018, p. 174). Land assevera:

Se o Espírito Santo for tomado como ponto de partida e a centralidade do culto assumir a primazia, deve-se reconhecer que a oração individual e comunitária, humana e angélica, com suspiros e gemidos, louvores e súplicas, está no cerne dessa espiritualidade. E se a oração é o cerne da espiritualidade, ela também deve ocupar um lugar central na compreensão da tarefa teológica (2024, p. 27).

Através da oração, obtém-se o desejado relacionamento com o Deus vivo, que não se limita a conceitos especulativos e doutrina, mas que se revela na prática e se permite ser conhecido, adorado, contemplado por meio de uma ortodoxia, ortopatia e uma ortopraxia que enaltece a trindade.

Essa presença ativa do Espírito produz uma experiência unificadora, é o meio pelo qual os pentecostais entendem alcançar uma nova vida no Espírito, e, a mesma se dá através do batismo no Espírito Santo. Segundo Torrey, “o batismo com o Espírito Santo é o Espírito de Deus sobre o crente, tomando posse de suas faculdades, conferindo-lhe dons que não são naturalmente seus, mas que o qualificam para o serviço ao qual Deus o chamou” (TORREY, 2022, p.21).

Para Pommerening, é pelo batismo no Espírito Santo que somos imersos no amor de Deus, de modo que o crente possa se sentir “amado e querido, sendo acompanhado do

falar em línguas como evidência inicial e a prática do amor como uma evidência contínua” (2024, p. 39). O autor continua:

O batismo no Espírito Santo é o encontro relacional divino-humano, especialmente associado ao contexto de oração e adoração e simbolizando uma sensação de beleza, admiração, poder, intimidade, edificação da fé e, especialmente, uma compreensão profunda do amor de Deus (2024, p. 67).

Este encontro central na experiência pentecostal, revela diante do humano um conhecimento profundo do amor de Deus de forma que o impulsiona a um relacionamento cada vez mais intenso e vigoroso, extrapolando a esfera individual, edificando a comunidade e o capacitando a proclamar o evangelho aos não alcançados por esta graça. É diante da relação marcada pelo amor que o pentecostal busca a Presença de Deus, recorrendo à oração.

2 A ORAÇÃO NA TRADIÇÃO PENTECOSTAL:

2.1 O Conceito de Oração:

De início, precisamos superar a ideia amplamente difundida de que orar “é falar com Deus”. Tillich nos adverte de que reduzir a oração a uma simples conversa configura uma “blasfêmia ridícula” (TILLICH, 2005, p. 139), e, talvez aí resida uma das razões pelas quais essa disciplina tem sido gradualmente negligenciada. Os pentecostais, através de sua espiritualidade, tratam a oração a partir de outros pressupostos.

Para a espiritualidade cristã, “toda forma de oração é proposta como o grande meio de viver a receptividade à ação de Deus [...] todo impulso de oração invoca uma presença de Deus” (BERNARD, 2010, p. 171). Mondoni afirma que, o ato de orar implica uma relação interpessoal, que pressupõe uma abertura de nós mesmos a Deus. Esse movimento nos conduz ao desenvolvimento da capacidade de dar lugar ao Outro — Aquele que, em sua essência, é alteridade: radicalmente distinto do homem e de todas as coisas criadas, mas que, ainda assim, tem comunhão “no íntimo das relações humanas” (MONDONI, 2014, p. 145).

Contudo, para os pentecostais, essa presença de Deus durante a oração terá implicações próprias e decorrentes de sua espiritualidade. Como diz Mello, não se trata apenas de orar, mas “de orar com o Espírito e de, por meio do Espírito, falar mistérios

com Deus” (2024, p. 229), o que torna necessária uma compreensão do tema dentro do contexto do pentecostalismo.

Contribuições como a de Pommerening auxiliam na investigação pela compreensão da oração, quando afirma que no pentecostalismo ela “é a maneira eficiente de se comunicar com o que se revela, é a comunhão perfeita entre criatura e criador” (2013, p. 183). Essa comunhão, para Tillich, é decorrente do papel da oração na experiência extática e na espiritualidade. Segundo o autor:

Toda oração e meditação, se cumprem seu sentido, isto é, se reúnem a criatura com seu fundamento criativo, são revelatórias neste sentido. As marcas da revelação – mistério, milagre e êxtase – estão presentes em toda oração verdadeira. Falar a Deus e receber uma resposta formam uma experiência extática e milagrosa; transcendem todas as estruturas comuns da razão subjetiva e objetiva. Constituem a presença do mistério do ser e uma efetivação de nossa preocupação última (2005, p.139).

Tillich nos alerta para o “paradoxo da oração”, cuja base está em Rm 8.26, quando Paulo aponta para a nossa incapacidade de orar adequadamente, restando-nos depender do Espírito Divino, que intercede a Deus por nós sem linguagem objetiva (2005, p. 640). Dessa forma, compreende-se “a identidade e não identidade daquele que ora com aquele a quem se ora – Deus como Espírito” (2005, p. 641).

Paulo expressa o paradoxo da oração de maneira clássica quando fala sobre a impossibilidade da oração correta e sobre o Espírito divino que representa aqueles que oram diante de Deus sem uma linguagem “objetivamente” (Rm 8.26). É o Espírito quem fala ao Espírito, assim como é o Espírito quem discerne e experiência o Espírito ... transcende-se o esquema sujeito-objeto do ‘falar a alguém’: aquele que fala através de nós é aquele a quem se fala (TILLICH, 2005, p. 640).

A interpretação de Tillich acerca da presença do Espírito na oração não é isolada. R. A. Torrey, em sua obra *A Pessoa e a Obra do Espírito Santo* (2022), afirma que “a verdadeira oração é a oração no Espírito (ou seja, aquela que o Espírito Santo inspira e dirige). A oração a que o Espírito Santo nos conduz é aquela ‘segundo Deus’” (TORREY, 2022, p. 98). Frank Bartleman, durante o grande avivamento da Rua Azusa, registrou em seu diário: “O Espírito está orando, por nosso intermédio, para que haja um grande derramamento em toda parte” (BARTLEMAN, 2016, p. 13). O monge trapista Manu Van Hecke também destaca que a oração nos proporciona um sair de nós mesmos, colocando-

nos em disponibilidade para Deus (2020, p. 39), e lembra: “não está em nós a capacidade de orar como devemos. Isso está no poder de Deus” (2020, p. 27).

A prática da oração, pressupõe uma dinâmica em que o Espírito de Deus ora a Si mesmo por meio de nós, gerando experiências extáticas e efetividade na súplica e na intercessão. A oração, então, deixa de ser um monólogo para tornar-se um espaço de encontro com Deus e momento para viver a experiência do amor. Conforme Moltmann, “o Espírito de Deus é experimentado de uma maneira muito comovente e consoladora onde ele leva à oração, aos suspiros e às queixas diante de Deus”(2010, p. 80)

Essa manifestação extática, fruto da união e da presença do Espírito na vida do orante, torna-a uma aliada potente na eclosão do êxtase, um “estar fora de si”, em que a mente, de maneira extraordinária, transcende sua habitualidade (2005, p. 124). Santos afirma: “a oração exerce uma força coletiva e individual intensa e de caracterização do surgimento do êxtase” (2004, p. 186). Para Tillich:

Toda oração que atinge seu objetivo, isto é, toda oração que reúne o ser humano a Deus, tem caráter extático. Esta oração é impossível para o espírito humano, porque o ser humano não sabe orar; mas é possível que o Espírito Divino ore através do ser humano, mesmo que o ser humano não use palavras (‘gemidos inexprimíveis’ cf. Paulo) (2005, p. 572)

Assim, a oração é o momento por excelência onde se encontra o próprio Deus, “ênfatizando uma atitude de receptividade radical ao Deus que transcende toda a conceituação” (MELLO, 2024, p. 311) e, ao mesmo tempo, se revela enquanto resposta “à interpelação de Deus, à sua iniciativa graciosa: é o posicionar-se diante de Presença” (2024, p. 313).

2.2 Manifestações físicas no encontro Divino-humano:

Conforme analisamos até o presente momento, a oração revela-se enquanto instrumental na espiritualidade pentecostal, cuja finalidade reside na promoção de um relacionamento profundo e experiencial com Deus. Em determinadas circunstâncias, tal relação revela-se de forma evidente na própria prática oracional, a qual se configura como um processo de entrega e envolvimento, frequentemente mediado pela presença e intercessão do Espírito Santo, caracterizado por expressões corporais. Nesse sentido, observa-se com frequência a ocorrência de orações glossolálicas, bem como de

manifestações físicas típicas dos pentecostais, em especial, das mulheres pentecostais durante os cultos do Círculo de Oração. Para Painadath, “A presença divina em nós não é uma presença quieta e autocentrada, e sim uma presença manifesta e ativa, uma fonte que jorra dentro de nós” (GRUN, PAINADATH, DIODORA, 2017, p. 26).

O encontrar Deus na experiência pentecostal perpassa o homem em sua integralidade. Dessa comunhão vivenciada pelo amor se evidenciará, em não poucos momentos, o falar em línguas (POMMERENING, 2024, p. 58). Para o autor, a glossolalia é uma prática extremamente habitual entre os pentecostais, onde, um indivíduo fala uma língua desconhecida cujo objetivo é a edificação pessoal (2024, p. 63). Essa operação do Espírito Santo, é a “expressão mais íntima do próprio eu” (2024, p. 64), de modo que “quem ouve a oração em línguas deduz que o próprio Espírito Santo está falando e causando um efeito perlocutório de aumentar a fé do ouvinte e produzir algo” (2024, p. 66), nos remetendo a uma experiência íntima, com linguagens do coração [...] não necessariamente [...] compreensíveis pelas convenções racionais, mas são apreendidas pelas faculdades afetivas e transformadas em linguagem de amor entre Deus e o ser humano e vice-versa (2024, p. 70).

Jurgen Moltmann (2002), teólogo alemão, esclarece que a igreja primitiva tinha por hábito orar em uma posição corporal de receptividade, em pé, ereta e com os braços estendidos “em uma atitude de grande expectativa e da prontidão amorosa para receber e abraçar”. Clamavam “sobretudo pela vinda do Espírito Santo: ‘Vem, Espírito Criador ...’” (2002, p. 132), se expondo a um movimento produzido por Deus, mobilizando os fiéis com graça (2002, p. 135). Para ele o clamor apaixonado é próprio daquele que está em comunhão com Deus, é característica da criatura ante a expectativa da vinda e redenção a ser realizada pelo Criador, de forma que “não orar mais não significa ser vigilante, mas ser anestesiado pelo afastamento de Deus” (2002, p. 136). Nisto reside a elucidação quanto ao fervor e intensidade encontrada nas orações pentecostais.

Quando uma pessoa ora com a intensidade daquele que vai ao encontro de Deus tendo em vista alcançá-Lo, todo o seu ser ora, inclusive seu corpo, o que torna a prática uma experiência física (GRUN et al., 2017, p. 8). Para Grun e os demais autores, durante a oração não basta apenas a atitude interior, é preciso que haja uma conduta completa, de forma que o corpo também participe do ato orante (2017, p. 50), e, por meio desta integração ocorra um aprofundamento da oração, “dando-lhe, também, uma base concreta no corpo” (2017, p. 110). Assim, “a prece não é para estacionar nem mesmo no coração,

deve impregnar todo o corpo, de modo que a gente a absorva de modo pleno, integral [...] até o corpo a entende e reza” (2017, p. 111-112).

Essa singular forma de integrar a oração à prática corporal é um traço característico dos pentecostais, como expressou Moltmann (2002, p. 132). Orar com o corpo é habitual entre as pessoas frequentes ao Círculo de Oração, especialmente as que têm a responsabilidade pela oração intercessória. Durante o trabalho, a expressão corporal muitas vezes se dá pelo “trabalhar de Deus” na vida daquele por quem se intercede. Comumente, a oração é realizada de joelhos, contudo, na dinâmica dos cultos de oração, as mulheres pentecostais expressam em gestos e por meio de seus corpos a intensidade da Presença de Deus enquanto oram, com o elevar dos braços, mãos estendidas ao alto, bater palmas entre outros.

3 O Papel do Círculo de Oração na Tradição Assembleiana e sua Manifestação na ADBH - MG

3.1 Histórico do Círculo de Oração:

O forte apelo à oração na tradição pentecostal brasileira possui registros anteriores à própria fundação das Assembleias de Deus. A data remonta a 2 de junho de 1911, ocasião em que as fiéis Celina Albuquerque e Maria de Nazaré se uniram em busca do cumprimento da promessa pregada pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren: o batismo no Espírito Santo (ARAÚJO, 2007, p. 189). A vida devocional de oração era praticada e estimulada pelos líderes, que faziam constantes recomendações para que as pessoas “orassem sem cessar” e tinham o costume de passar “tardes e noites orando no porão” (ALMEIDA, 1982, p. 25). Segundo Correa, “após a fundação da igreja essa prática tomou outras dimensões, os milagres recebidos pela ação do Espírito Santo passaram a ser divulgados, servindo de alicerce para o fermento para novos adeptos” (CORREA, 2012, p. 262).

Desde então, a prática jamais foi abandonada, tornando-se um distintivo das Assembleias de Deus no Brasil (SOARES, 2021, p. 102), fruto do êxito na busca pelos feitos do Espírito Santo.

No ano de 1942, na cidade do Recife (PE), Albertina Bezerra Barreto deliberou buscar a Deus em virtude de uma enfermidade que acometia sua filha Zuleide (Ledinha), e convidou outras irmãs do bairro Casa Amarela para auxiliá-la na jornada (ARAÚJO, 2007, p. 189). Em decorrência dos frutos colhidos pelo trabalho, que cresceu e tornou-se conhecido, “o Círculo de Oração é considerado um dos ministérios mais importantes dentro das ADs e é adotado por todas as ADs, inclusive no exterior” (CORREA, 2012, p.264).

O nome adotado para a prática possui destacada história, conforme conta Albertina, por ser fruto de um folheto que expunha que as orações circulam os céus, e, assim a fundadora disse: “— Vamos circular os céus com as nossas orações” (MARQUES, 2012, p.18).

A compreensão acerca da prática, presente no imaginário dos discípulos que compunham a Igreja Primitiva, e observada ao longo de toda a história do cristianismo, pode ser inferida na vida das mulheres que creram que orar ia além de palavras dirigidas a Deus, enaltecendo o aspecto estático da prática da oração. Devido a essa ênfase na busca pelos dons espirituais e o legado dos movimentos de santidade que antecederam o pentecostalismo moderno, a oração, desde o início, protagoniza a vida do assembleiano, produto do entendimento de que para as “manifestações de cura e línguas estranhas é necessário que os membros da igreja estejam dispostos a orar, pedindo a Deus que assim o faça” (FAJARDO, 2015, p. 238). O mesmo autor, tece a seguinte explicação a respeito do trabalho do Círculo de Oração:

Este culto é a reunião em que mais se destacam os aspectos carismáticos que deram forma às ADs em suas primeiras décadas. Por conta da ênfase na busca dos dons espirituais e do batismo com o Espírito Santo, é um espaço de continuidade dos aspectos proféticos que estruturam o movimento assembleiano na Era Vingren (FAJARDO, 2015, p. 238).

Gedeon Alencar (2012), relevante nome na produção teológica da história das Assembleias de Deus, afirma que as mulheres assembleianas têm como missão oficial o exercício da oração — papel desenvolvido no Círculo de Oração, ambiente tipicamente feminino e que possui grande impacto na vida da igreja. Nesse espaço são identificadas “teologias do sofrimento, da disciplina e da competência” (2012, p. 191). As mulheres “anônimas”, que desempenham funções neste espaço são portadoras de dons e habilidades espirituais, exercendo “poder simbólico fenomenal”, influenciando até

mesmo com seu silêncio durante as prédicas (ALENCAR, 2012, p. 191). Segundo Marina Correa (2012), as mulheres que compõem a instituição usam os dons espirituais e exercem profundo poder articulador dentro dos lares e na comunidade local decorrentes de relacionamentos mais íntimos (2012, p. 263). Para a referida autora, o poder político desempenhado por essas mulheres revela casos onde as mesmas elegem e derrubam pastores com posturas e palavras (2012, p. 263).

3.2 Estudo de Caso: Círculo de Oração Templo Central ADBH:

A Assembleia de Deus Ministério Belo Horizonte foi fundada em 17 de março de 1927 por Clímaco Bueno Aza, considerado um dos maiores evangelistas pioneiros das Assembleias de Deus no Brasil (ARAÚJO, 2007, p. 112). Além da capital mineira, o pastor também foi responsável por estabelecer igrejas em outras duas capitais brasileiras: Macapá (AP) e São Luís (MA).

No livro dedicado às mulheres que marcaram a história das Assembleias de Deus, Araújo (2022, p. 35) relata a trajetória de Júlia Galvão de Lima Bueno Aza, esposa de Clímaco, e, revela-nos que a mudança do casal para Belo Horizonte ocorreu após uma visão divina, indicando-lhes a cidade mineira, que à época ainda não contava com reconhecida presença pentecostal.

A implantação do Círculo de Oração em Belo Horizonte teve início com o apoio de Albertina Bezerra Barreto, fundadora da obra e responsável por sua disseminação em diversas capitais brasileiras (MARQUES, 2012, p. 19). Segundo relatos de Elizabeth Estanislau Silvestre, nora de Anselmo Silvestre, em 1970, Bernarda Silvestre — esposa do pastor Anselmo Silvestre — fundou o Círculo de Oração da ADBH com o auxílio das irmãs Júlia de Melo, Elisa Fortini, Maria José (irmã Zezé), Severina Alice (irmã Neném) e Ilma Claves. As reuniões ocorriam às sextas-feiras, às 14h, no Templo Central, onde “de joelhos, em oração com grande clamor, as irmãs podiam sentir claramente o agir do Espírito Santo. Estas mulheres simples e dedicadas à obra foram tremendamente usadas por Deus e impulsionadas para esse ministério” (SILVESTRE, 2025).

Com o passar do tempo, o departamento cresceu e se consolidou, tendo o propósito principal a intercessão por diversas causas, a busca pela unidade e comunhão espiritual. Após o falecimento de Bernarda Silvestre, em 30 de dezembro de 1986, a liderança do Círculo de Oração passou a ser exercida por Severina Alice Cordeiro (irmã

Neném), que contou com a colaboração de irmãs como Expedita Ribeiro, Divina de Assis, Léia, entre outras. (SILVESTRE, 2025).

Em 2009, devido ao afastamento do Pr. Anselmo Silvestre, a presidência da igreja passou a ser de Moisés Silvestre Leal (ASSEMBLEIA DE DEUS – MINISTÉRIO BELO HORIZONTE, 2025). A direção do Círculo de Oração, então, ficou a cargo de sua esposa, Ester Vieira Gomes Leal, que contou com o apoio de algumas auxiliares. Nesse período foi criado o “Grande Coral do Círculo de Oração”, com o objetivo de glorificar e exaltar o nome do Senhor — iniciativa que permanece ativa até os dias hodiernos. Em 2015, Ester Leal foi sucedida por Rosa Moraes, esposa do pastor Simoni Hélio de Moraes, que assumiu a presidência da igreja após Moisés Leal (SILVESTRE, 2025).

Atualmente, a liderança do ministério está sob a responsabilidade do Pr. Paulo César Pereira, tendo sua esposa, irmã Nanci Pereira, como Coordenadora Geral do Círculo de Oração da Grande Belo Horizonte.

3.3 O papel desempenhado pelo Círculo de Oração Templo Central da ADBH hoje:

Enquanto trabalho tradicional e de importância não apenas para a instituição ADBH, o Círculo de Oração faz parte da vida de inúmeras mulheres, que intensamente se envolvem em suas atividades. As mesmas desenvolveram um profundo relacionamento com Deus por meio da oração e o expediente passou a fazer parte de suas histórias por meio da criação de uma comunidade, onde encontram apoio e aceitação. O Círculo de Oração é um dos maiores exemplos de uma comunidade “do Espírito que serve uns com os outros”, especialmente amparada pelas experiências e espiritualidade pentecostal (POMMERENING, 2024, p. 87).

Os testemunhos expressam o impacto do Espírito Santo atuando no cotidiano da vida de “mulheres comuns”, unidas pela oração, edificadas pela atuação do Espírito Santo no contexto de comunidade. Os milagres operados são incontáveis, a experiência da “voz de Deus”, projeta afeição de modo tal que as “dimensões mais profundas do ser são tocadas pela compaixão de Deus expressa na certeza do seu amor” (2024, p. 67). Devido a essa forte integração, estas mulheres ostentam certa “autonomia” frente às estruturas e poderes deste mundo por meio da liberdade concedida pelo Espírito Santo, em descompasso e independência das convenções dogmáticas constituídas e dos sistemas mundanos (2024, p. 81, 82).

Contudo, não se trata apenas de buscar o milagre, ainda que a demanda se revele como uma oportunidade para orar. No fundo, essas mulheres buscam a Deus, se envolvendo e sendo envolvidas numa dinâmica de encontro com Aquele que lhes confere sentido para a vida. Ainda que o pedido de milagre envolve uma cura, “uma oração por saúde, em fé, não é uma tentativa de cura pela fé, mas uma expressão do estado de ser possuído pela Presença Espiritual” (TILLICH, 2005, p. 718). O milagre é a consumação e exteriorização da dependência e amor ao Senhor, que não está focado no objeto da oração, mas “instala-se no indivíduo um amor que poderá ser canalizado em qualquer direção” (2024, p. 84).

Maria da Conceição dos Santos, mais conhecida como Ir Mariinha, com seus 92 anos de idade, participou do trabalho do Círculo de Oração em várias congregações da cidade, inclusive auxiliando Ir Bernarda e Ir Neném na sede. A matriarca se emociona ao contar uma experiência vivida com o Senhor: “Um dia, uma irmã que eu não tinha contato veio e me abraçou e Deus a usou para me dizer que o dom que Deus tinha para mim era o da intercessão, eu era uma intercessora do Senhor” (SANTOS, 2025). Ela relata que quando aceitou Jesus, o pastor disse que não era para ela segurar nas mãos de Deus, mas para pedir a Ele que segurasse em suas mãos, e assim ela crê ainda hoje. Atualmente é uma das colunas do trabalho do Círculo de Oração no Templo Central e faz a obra do Senhor, sem se preocupar com homens ou cargos, mas por amor a Àquele que “segura em suas mãos”. Para ela “a oração é a força de Deus, é uma coisa muito ligada ao Senhor e espera estar servindo quando Jesus a buscar, pois sua esperança está em receber a coroa de glória” (SANTOS, 2025). Sua vida nos confere um importante exemplo da afeição devotada pelas mulheres de oração, não a hierarquias institucionais ou orações utilitaristas, mas, sobretudo, ao amor incondicional, nutrido e desfrutado nas orações, que se manifestam como poderoso instrumento de encontro Divino-humano.

Maria Elena Assis Fernandes, irmã que fez história em um dos Círculos de Oração de maior prestígio em Belo Horizonte e assídua ao trabalho do Templo Central, se lembra perfeitamente da ocasião em que foi batizada no Espírito Santo num Círculo de Oração no bairro Cabana do Pai Tomás, no ano de 1973. Enquanto traz à memória o evento, lhe ocorre também grandes milagres alcançados por sua família, inclusive a cura de suas duas filhas, fruto da intercessão das mulheres que dirigiam o trabalho. Ao relatar a história do departamento na Regional Bairro das Indústrias, resta claro a operação do Espírito Santo por meio de milagres, curas e a superação de obstáculos na vida das mulheres que se

comprometem a orar. A mesma finaliza dizendo: “Se não fora as orações no C.O., não estaríamos aqui para contar. Grandes coisas fez o Senhor por nós e por isso estamos alegres” (FERNANDES, 2025). Digno de nota é a ortopraxia e ortodoxia dessas mulheres que abraçam a fé pentecostal. Longe das análises teológicas, da racionalidade tipicamente ocidental, a experiência de Atos reverbera no cotidiano hodierno, numa refulgente demonstração da pentecostalidade. Como bem afirmado por Campos a respeito da práxis pentecostal: “Deus tem se manifestado em Espírito, como no dia de Pentecostes, os que participam dele foram envoltos nessa presença e introduziram uma prática de vida espiritual na sociedade” (CAMPOS, 2018, p. 96).

Para Elizabeth Estanislau Silvestre, responsável pela maior parte das informações históricas obtidas e presença frequente no trabalho, a oração é “uma das colunas da igreja ... É lugar de muitas histórias e testemunhos, bênçãos e milagres, prodígios e maravilhas” (SILVESTRE, 2025). Indiscutível é a notoriedade deste mister que reflete a vida da igreja (ALENCAR, 2012, p. 190), sendo inúmeras vezes empregado por pessoas que desejam estudar as práticas femininas dentro das ADs, de modo a estabelecer uma associação com questões relacionadas a gênero e estruturas “opressoras” de poder, esquecendo e ofuscando o precioso e potente trabalho desenvolvido, seu valor real para a vida da comunidade de fé e para o “empoderamento” pessoal de incontáveis mulheres, lugar onde a liberdade suplanta as situações adversas, onde essas mulheres se sentem acolhidas e amparadas em suas dores, estabelecendo “nova identidade, permitindo-se sonhar com perspectivas antes nunca possíveis” (POMMERENING, 2024, p. 87).

Estes relatos nos revelam o impacto, a importância e o efetivo pentecostalismo na vida das mulheres inseridas na comunidade de fé e revela-nos o quanto urge o retorno dos valores bíblicos e ao ethos pentecostal para a qualidade de vida tanto do indivíduo quanto da coletividade. O mover do Espírito Santo concedendo vida é real e está disponível, desde que buscado, tendo como ponto de partida a pneumatologia e as narrativas de Atos, conforme o *Princípio da Pentecostalidade* (CAMPOS, 2018). A forma como Deus atua na vida das mulheres pentecostais engloba sua integralidade, não sendo possível a vivência da fé sem que o tripé da ortodoxia, da ortopraxia e da ortopatía estejam juntos, conformados pela Presença do Espírito. As inúmeras reflexões inclinadas a criticar o papel, as práticas e o lugar reservado às mulheres e ao próprio Círculo de Oração, possivelmente partem de pressupostos estranhos à fé pentecostal, e, por questões óbvias, chegam a conclusões pouco compatíveis com a realidade. Uma vez que a fé em Cristo

restabelece a relação de Deus com o homem, esta relação e sua manutenção devem ser o objeto por excelência a ser perseguido por todos. Enquanto trabalho que nos potencializa e tem como essência a Presença e a união do humano com seu “fundamento criativo”(TILLICH, 2005, p.139), o Círculo de Oração se revela enquanto um dos lugares de maior prestígio e deferência dentro da cristandade pentecostal. Um verdadeiro “privilégio” disponível a todos, contudo, carente da distinta afeição imbuída no ato orante. Como esclarece Thomas Merton “as coisas que amamos nos dizem o que somos” (MERTON, 2023, p. 27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não apenas o tema da oração, frequentemente explorado na literatura cristã, mas também o próprio Círculo de Oração tem sido objeto de estudos voltados às Assembleias de Deus e às suas práticas. Como demonstrado neste trabalho, a oração se revela indispensável à identidade pentecostal. Enquanto algumas tradições enfatizam práticas litúrgicas e cultuais, ou, ainda, se sustentam em dogmáticas e confissões legalistas, o movimento pentecostal se distingue pela busca da Presença, um encontro pessoal e relacional com Deus por meio do Espírito Santo, dado por Cristo à Sua Igreja desde o Pentecostes. Por meio dos sólidos vínculos adquiridos e desenvolvidos dentro desta comunidade, floresce uma identidade feminina característica, com fortes traços de autonomia, independência, superação e força.

Nesse contexto, a prática não cabe mais no conceito de falar com Deus, mas se revela para o próprio exercício da pentecostalidade, com Deus presente, em plena atividade orante por aquele que se desvela intensamente diante de Deus.

A nova vida concedida por Cristo requer a presença do Espírito para que possa se desenvolver plenamente, sendo o batismo no Espírito Santo a porta de entrada para essa comunhão Divino-humana. Trata-se de uma experiência protagonizada pelo próprio Espírito, que intercede continuamente por nós e nos impulsiona a buscar, com intensidade, uma vida espiritual mais profunda e significativa.

O Círculo de Oração é um dos mais belos e importantes trabalhos desenvolvidos pela igreja atualmente, focado na oração, permeada por carismas e poder. É solo sagrado, onde as mulheres buscam aquilo que lhes é mais precioso, Deus, Sua Presença real e atuante, de modo a lhes conceder aquilo que o mundo jamais será capaz de apreender.

Apenas o coração visitado pela presença amorosa do Espírito compreende as manifestações espirituais e corpóreas que ocorrem neste lugar. O recorrente descrédito dado a este espaço e a prática, têm contribuído para a escassez de batismos no Espírito Santo, o arrefecimento na fé e a gradual perda da identidade pentecostal. O Círculo de Oração é um dos instrumentos mais poderosos de resistência ao fundamentalismo religioso, a racionalização da fé e à inanição espiritual da igreja na atualidade.

Assim, conclui-se que a oração não é apenas uma prática, mas uma condição e fundamento para o exercício da experiência pentecostal, contribuindo para a pentecostalidade na vida da Igreja e promovendo o conforto espiritual para milhões de fiéis.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911-2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Abraão de. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

ARAÚJO, Isael de. *100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

_____. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ASSEMBLEIA DE DEUS – MINISTÉRIO BELO HORIZONTE. *Nossa história*. Disponível em: <https://www.assembleiadedeusbh.com/nossa-historia>. Acesso em: 30 set. 2025.

BARTLEMAN, Frank. *A história do avivamento Azusa*. 3 ed. Americana, SP: Impacto Publicações, 2016.

BERNARD, Charles André. *Teologia mística*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BÍBLIA. *Bíblia de Estudo NAA*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo: Recriar, 2018.

CORREA, Marian Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)*. 2015. 358 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2015.
- FERNANDES, Maria Elena Assis. Relato concedido a Clélia Damasceno. Belo Horizonte, 25 ago. 2025.
- GRUN, Anselm. PAINADATH, Sebastian. DIODORA, Gerondissa (org.). *A Força da Oração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HECKE, Manu Van. *Espiritualidade: espaço para o outro*. Juiz de Fora/ MG: Edições Subiaco, 2020.
- KEENER, Craig S. *Comentário exegético Atos: introdução e caps. 1.1 a 2.47*. Rio de Janeiro: CPAD, 2022. v. 1.
- LAND, S.J. . *La espiritualidad pentecostal: una pasión por el Reino*. Cleveland: CPT Press, 2024. E-book Kindle. Disponível em: KindleUnlimited. Acesso em: 03 out. 2025.
- MARQUES, Eliude. *Manual do círculo de oração*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- MELLO, Julius. *Pentecostaismos: do encontro com Deus à compreensão teológica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.
- MENZIES, Robert. *Teologia pentecostal: sua natureza evangélica e cristocêntrica*. São Paulo: Editora Carisma, 2022.
- MERTON, Thomas. *Na liberdade da solidão*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MONDONI, Danilo. *História e teologia da Espiritualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- NASCIMENTO, Valmir. *Cosmovisão pentecostal: desenvolvendo uma visão de mundo moldada pelo Espírito*. Rio de Janeiro: CPAD, 2025. E-book. Kindle.
- POMMERENING, Claiton Ivan. Paul Tillich e a compreensão do fenômeno religioso pentecostal. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 12, n. 24, p. 171-185, 2013.
- _____. *Teologia da Experiência: implicações afetivas e racionais na interpretação pentecostal das Sagradas Escrituras*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- REFIDIM. *Manual para a elaboração de trabalhos acadêmicos da Faculdade Refidim*. Joinville: Refidim, 2015.
- SANTOS, Maria da Conceição. *Entrevista concedida a Clélia Damasceno*. Belo Horizonte, 09 out. 2025.
- SANTOS, Rosileny Alves dos. *Entre a Razão e o Êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência*. São Paulo: Loyola, 2004.
- SILVESTRE, Elizabeth Estanislau. *Relato concedido a Clélia Damasceno*. Belo Horizonte, 10 set. 2025.
- SOARES, Esequias. *O pentecostalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

TERRA, Kenner. OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 6 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TORREY, R. A. *A pessoa e a obra do Espírito Santo*. Londrina, PR: Penkall, 2022.

_____. *O batismo no Espírito Santo*. Londrina, PR: Livrarias Família Cristã, 2022.